

LUKASS (João). — *Pelos Caminhos e Atalhos*. São Paulo. Edição do autor, 1973. 90 págs. 47 fotos.

*Pelos Caminhos e Atalhos*, de João Lukass, poderia ser rotulada de uma obra tipo biográfica, porquanto o autor, autêntico pastor batista, relata com simplicidade, alguns dos muitos desafios enfrentados nos quarenta anos de vivência missionária, entre os letos, seus contemporâneos e os brasileiros, que também soube cativar.

Encarregando-se da apresentação desse depoimento, Osvaldo Ronis adverte que: "*o Pastor João Lukass soube transmitir o ideal do ministério genuinamente cristão...*"

Enquanto que o autor coloca seu objetivo, — afirmando que, se alguém resolver "*dar um passo decisivo: entregar seu coração e sua vida a Jesus. Ou, quem sabe, um crente "cansado" na obra Santa encontra no testemunho humilde, mas real, de um companheiro de jornada, um motivo de estímulo e animação.*

*Se isso acontecer, o propósito deste livro terá sido atingido*".

Não sabemos se o propósito religioso foi veiculado, mas Lukass parece haver conseguido muito mais, deu-nos uma obra com dezessete capítulos que, apesar de estarem dentro de uma linha factual, são válidos para conhecermos um pouco mais da história dos batistas letos no Brasil.

Integrando um conjunto de imigrantes letos radicados em São Paulo desde 1923 ao relatar, como afirmou no prefácio " *fatos reais, fragmentos históricos de uma vida*" pág. 7, deu-nos elementos para entendermos o trabalho dos batistas letos em nosso país.

Enfocando, nos dois primeiros capítulos, a Letônia, tece considerações sobre peculiaridades de sua família, salientando a importância da vocação religiosa como elemento cultural do próprio meio.

Descreve aspectos da sua infância e juventude associados às festas e às vicissitudes do seu país no advento da independência política. Afirma que, tanto sua família como aproximadamente duas mil pessoas deixaram a Letônia, buscando as matas virgens do Brasil, não por "*motivos econômicos*" (pág. 14) mas por motivos religiosos, fato singular na história das imigrações.

No terceiro e quarto capítulos, descreve como chegaram a Santos, de lá a Sapezal e a Varpa (1) onde encontraram uma "*roçada aberta pelos imigrantes pioneiros, que lá haviam chegado em 1 de novembro de 1922*" (pág. 17). Mostra como abriram estradas e viveram da contribuição de uma caixa comum, nos primeiros tempos; de que forma fizeram as primei-

---

(1). — Varpa, distrito do município de Tupã, na Alta Paulista, colônia pioneira dos letos em São Paulo.

ras construções, e enfrentaram as doenças, principalmente “a desidratção que ceifava vidas fartamente entre as criancinhas” (pág. 18), e que resolviam todas as dificuldades cantando hinos de louvor ao Senhor.

Quando perceberam que os recursos financeiros eram insuficientes, decidiram trabalhar em lavouras de café. Com labor e disciplina conseguiram um pecúlio suficiente para se estabelecerem nas suas glebas, em Varpa.

Dentre eles, com o auxílio da esposa, conseguiu montar um pequeno sítio dedicando-se à agricultura e à apicultura.

Havendo planejado adquirir novas terras, toma a estrada do núcleo urbano e, “a semelhança de Saulo, a caminho de Damasco” pôde captar o apelo do Senhor, através de circunstâncias tidas como sobrenaturais. Ele próprio relata que uma árvore gigantesca veio abater-se sobre ele, e que apesar das circunstâncias tão pavorosas, conseguiu sobreviver e compreender que deveria “dedicar sua vida à causa evangélica” (pág. 22).

Desiste da propriedade onde morava e, a fim de preparar-se com dignidade, partiu para Curitiba, com a esposa e o filho.

No quinto capítulo, “*Em busca do preparo*”, enfoca tanto a falta de recursos pessoais, a sua dificuldade de ingressar e se manter no Colégio Batista, os problemas financeiros que atingiram o Colégio e outros setores econômicos, coincidindo com a grande depressão econômica de 1929.

Parecendo-lhe que em certo momento, facultar-lhe-ia atingir os seus objetivos, novamente, partiu com a família para a cidade de Porto União (Paraná). Continuou os estudos na Igreja Batista local e, para sustentar a família, dava aulas particulares, nos intervalos de um modesto emprego na Ferroviária. A esposa, sua grande colaboradora, decide voltar para São Paulo e com o filho e se empregar como doméstica. Sozinho, desfez a casa, hospedou-se na casa dos irmãos crentes.

Trabalhou e estudou. Por volta de 1930, reuniu-se à esposa em São Paulo e também pôde completar o Curso de madureza, o patamar para seguir cursos superiores de Teologia.

A partir do sétimo capítulo “*Igreja Unida do Rio do Peixe*”, evidencia a permanência na zona sertaneja. Sua dedicação deve ter impressionado a União da Mocidade da Igreja Batista Leta de São Paulo, pois foi agraciado com a ajuda mensal de *cem mil réis* (pág. 29); fato que lhe permitiu dedicar-se integralmente ao trabalho religioso.

Finalmente, teve a graça de ser ordenado para o ministério, no dia 8 de dezembro de 1931. Durante dez anos permaneceu nesta frente missionária pioneira. Os missionários que trabalhavam na “*Missão do Sertão*” ensinavam a ler, a escrever, ensinavam aritmética, música e Bíblia. Batizaram dezenas de pessoas.

Paralelamente ao trabalho, pôde sentir-se o aprimoramento de uma fé autêntica, inteiramente baseada na Divina Providência.

A sua casa servira, durante alguns anos, como sede provisória da Casa de Oração, como residência dos pastores e ambulatório incipiente, até que, o templo da Igreja Batista Unida do Rio Peixe (Varpa) foi inaugurado no auspicioso dia 1 de fevereiro de 1934 (pág. 33).

Os missionários, tendo como base operacional a Igreja do Rio do Peixe, partiram para a pregação em várias localidades próximas e afastadas, como Água das Polainas, Quatá, nessa o trabalho cresceu e "*Quatá tornou-se a sede definitiva da então Igreja Batista Unida do Rio do Peixe*" (pág. 37), Graminha, Bandeira, Água Cristal, Paraguassu, Barreiro, Barra Mansa, neste local participou dos batismos o famoso pastor (Eichman) e outros missionários de Palma.

No décimo capítulo tece considerações sobre "*O Decênio do Trabalho no Sertão*" e suas dificuldades nas missões, enquanto que, no décimo primeiro informa os novos campos de trabalho, mais afastados de Varpa, em outras cidades como Assis, onde se fixou para evangelizar até o interflúvio do rio Paranapanema, o então sertão da Sorocabana.

Na década da Segunda Guerra Mundial, a legislação instrui que os estrangeiros (entre eles os letos), como é óbvio, deveriam se expressar em português. Oportunidade em que, nosso autor, familiarizado com a língua portuguesa, foi convidado a pastorear a Igreja Batista Leta de São Paulo.

Residiu na Capital bandeirante, cerca de nove anos, e, aliás além do trabalho regular da igreja, coube-lhe desenvolver o "*Ministério da Visitação*" (pág. 55). Visitava os membros da Igreja em suas casas e nos hospitais, inclusive dando assistência àqueles que conhecera no sertão e que o procuravam na Metrópole.

Naqueles tempos de Guerra, colaborou com os letos refugiados através do "*Comité de Auxílios das Igrejas Batistas Letas no Brasil*, pág. 57, havendo sido presidente da entidade.

Na pág. 58 apoiado numa carta documento, esclarece que recebeu o cargo de Encarregado do Consulado da Letônia em São Paulo. Com todas essas credenciais, conseguiu colaborar com os letos que desejavam imigrar para o Brasil. Além dos trabalhos citados, participou da construção de uma casa "*para hospedar crentes idosos e necessitados (denominada Betânia)*" (pág. 59).

No 13º capítulo, "*Pelos Caminhos Distantes*", enfoca seus trabalhos como pastor-evangelista itinerante pela Associação das Igrejas Batistas Letas do Brasil, seus contactos com as várias igrejas dos estados: Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, sua participação no campo missionário "*Rincón del Tigre*" na Bolívia, ajudando vários missionários originários de Varpa, nas suas missões junto aos índios aiorés; suas visitas "*às igrejas letas dos Estados Unidos e do Canadá*" (pág. 69).

Nos últimos capítulos, comenta o trabalho iniciado em bairros como Ferreira e Campo Limpo em São Paulo e na Terra das Artes: Embú, na fundação das igrejas na ampliação dos templos e nas obras correlatas.

Esse pregador, familiarizado com a Bíblia, termina a obra contando haver comprado um lote de terra, no bairro Ferreira, onde a organização evangélica adquirira uma área no Cemitério da Paz, onde *“espera que, terminada a jornada pelos caminhos e atalhos, lá seja depositado o envólucro maravilhoso que a Bíblia chama de “casa terrestre”. Ele mesmo, porém, estará com seu amado Salvador, que conduz seus filhos para a glória”*. . . (pág. 90).

A nível de sugestão, ao pastor João Lukass, já que sua obra é um depoimento vivo da experiência de um grupo de imigrantes letos radicados no nosso país, uma tentativa de complementação metodológica.

Várias passagens citadas podem ser comprovadas por documentos que tivemos oportunidade de ler, e talvez, com a citação dessas fontes bibliográficas, sua obra ficaria mais operacional.

Seja a pág. 14, onde aborda “as causas” que justificaram a vinda dos imigrantes letos para o Brasil em 1922 a 1923, poderia ser testada pelo artigo “Reafirmação de Princípios” (de autoria do rev. João Inkis, escrito no dia 23 de junho de 1940 sobre a imigração da Letônia) publicada no periódico religioso leto *“O Amigo Cristão”*, julho de 1940, nº 7, págs. 8: 10 e continuado no periódico de agosto do mesmo ano, nº 8, págs. 5: 7.

Ainda, à página 17, parece-nos que seja possível complementar a data do desembarque, “a 28 de fevereiro de 1923”. Tivemos oportunidade de constatar, nos arquivos da “Casa do Imigrante”, nesta capital, mais os seguintes detalhes: O transporte foi no navio “Ant. Delfino”, na rota de Hamburgo-Santos, havendo sido registrada uma leva de 389 pessoas — (fonte: Serviço de Imigração e Colonização de São Paulo, registrados sob nº 2079 — 2468, fls., 54 — 62, livro 95. 1923).

Na mesma pág. 17: *“Esta roçada foi aberta pelos imigrantes pioneiros, que tinham chegado em 1 de novembro de 1922.”*

Estes dados são encontrados na escritura de compra de terras: Cartório de Registro de Imóveis de São Paulo, 13º cartório de São Paulo, livro 18, fls. 12 e seguintes.

Mais ainda outra complementação, na pág. 33: a organização da Igreja Unida Rio do Peixe pode ser constatada. Pela Revista *Kristigs Draugs* nº 11 e 12, novembro e dezembro 1931, pág. 133. E, assim, poderia o autor completar mais algumas passagens.

Finalmente, cabe-nos reconhecer que se trata de uma obra séria, honesta e valiosa para os estudiosos desta vertente, identificada com a imigração de minorias étnicas, neste, ainda hoje, grande país aberto à imigração, que é o Brasil.

IRINA VASSILIEFF.